

## COMENTÁRIO BÍBLICO

17º Domingo Comum – Ano A

26jul2020

Êxodo 3,13-20; Salmo 105,1-11; Romanos 8,26-30

S. Mateus 13,44-52

<sup>44</sup>E continuou: «O reino dos céus é como um tesouro escondido num campo. Quando alguém o encontra volta a escondê-lo. E, cheio de alegria, vai vender tudo quanto tem e compra o campo.

<sup>45</sup>O reino dos céus pode também comparar-se a um comerciante que anda à procura de pérolas de boa qualidade. <sup>46</sup>Quando encontra uma pérola de muito valor vai vender tudo o que tem e compra-a.»

<sup>47</sup>«O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que se lança ao mar e apanha toda a espécie de peixes. <sup>48</sup>Quando já está cheia, os pescadores puxam-na para a praia e sentam-se a escolher o peixe: o que é bom deitam-no em cestos, e atiram fora o que não presta. <sup>49</sup>Assim vai acontecer no fim deste mundo: os anjos sairão para separar as pessoas más das boas, <sup>50</sup>lançando as más na fornalha. Ali haverá choro e ranger de dentes.»

<sup>51</sup>Jesus perguntou então aos discípulos: «Compreenderam todas estas coisas?» Eles responderam: «Compreendemos, sim.» <sup>52</sup>Então Jesus continuou: «Portanto, todo o doutor da lei que aceita a doutrina do reino dos céus é semelhante ao chefe de família que sabe tirar dos tesouros que tem coisas novas e velhas.»

1. O Reino de Deus (Reino dos Céus, para S. Mateus) é como... Uma fórmula para dizer que sobre o Reino de Deus só se pode falar através de uma linguagem simbólica, por comparações e metáforas. «Não temos uma experiência direta do Reino, e o próprio Deus continua a ser o horizonte inalcançável de toda a nossa atividade e de todo o nosso pensamento»<sup>i</sup>. Lembro-me de, numa Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, ter presenciado uma discussão teológica acesa entre representantes das Igrejas Ortodoxas e das Igrejas Protestantes acerca do Reino de Deus, que os Ortodoxos consideravam ser a sua própria comunidade eclesial...

Hoje, Jesus diz-nos que «O reino dos céus é como»: um tesouro escondido num campo, uma pérola de muito valor e uma rede que apanha toda a espécie de peixes. Fixemo-nos nas duas primeiras parábolas, que dizem o mesmo, mas com palavras diferentes.

Segundo Jesus quando alguém encontra o Reino de Deus age como quem descobre um tesouro ou uma pérola de valor incalculável. Isto é, “perde-se”, fica de tal maneira seduzido e tão cheio de alegria que esquece tudo o que tem e vê nesse tesouro a única coisa que vale a pena neste mundo. O deleite interior ao senti-lo(a) é tal que se parece com o enamoramento sem medida, a paixão desbragada, que muda a forma de viver. Assim como o que o profeta Elias sentiu, no Monte Horeb, no murmúrio de um vento tranquilo que lhe anunciava a passagem de Deus (I Reis 19, 12), ou como o estado de alma do marinheiro, no Fado da Amália Rodrigues: «O fado nasceu um dia / Quando o vento mal bulia / E o céu o mar prolongava / Na amurada dum veleiro / No peito de um marinheiro / Que estando triste cantava / Que estando triste cantava»<sup>ii</sup>. Ora, o destino (fado) dum cristão é Jesus e a Sua mensagem (o Reino de Deus) que quando se encontra muda radicalmente a vida. E não é preciso procurá-lo, pois, o local preferencial do Reino é o nosso coração.

2. Sim, O Reino de Deus está aí, aqui, no coração e no olhar de quem por Ele se enamorar, de quem está realmente disposto a 'dar tudo' para tê-lo. E como se expressa esse "tesouro" e essa "pérola"? Naquilo que mais nos toca como pessoas: um ambiente de respeito humano, de tolerância, de estima, carinho e segurança, a ambiência em que damos e recebemos felicidade. Afinal, o que, como humanos, nos apercebemos que Jesus oferece e afirma. Porém, ao olhar para o nosso modo de ser cristãos hoje, se o fazemos com humildade e sinceridade, apercebemo-nos que vamos reduzindo a nossa fé a uma relação acostuada com Deus, sem cor nem vibração. Somos assim como quem vai a S. Tiago de Compostela, meio por turismo meio por peregrinação e quando chega vai "tocar a pedra" mas «sob o fundo do silêncio e do sem-sentido»<sup>iii</sup>. Já dizia Václav Havel (escritor, intelectual e dramaturgo checo): "estamos a viver na primeira civilização global e também vivemos na primeira civilização ateia, numa civilização que perdeu a ligação com o infinito e a eternidade." Ou seja, lentamente, mas de modo inexorável, vai-se perdendo o modo de estar que assenta na ideia de que é a partir de Deus que a vida se entende. E, no entanto, é isso que Jesus nos vem dizer com as parábolas do tesouro e da pérola. Apela a que O olhemos e ao Seu Evangelho como «a totalidade da nossa existência, o centro da história e o ponto de chegada de cada uma das nossas aspirações.»<sup>iv</sup>

3. Mas, nada está perdido quando nos predispomos a recuperar a alegria do encontro com Jesus. Basta que do nosso coração ressalte o desejo de O colocar no centro da nossa vida. Na leitura da carta aos Romanos de hoje S. Paulo ajuda-nos com duas notas de profunda confiança.

*"Não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós"* (Romanos 8,26) – não saber orar não é uma questão de palavras, mas, não saber harmonizar-se com a vontade de Deus. Na barafunda mais ou menos ordenada da nossa vida, somos capazes de ter momentos de intimidade com Jesus? Conseguimos arranjar um pouco de tempo, de paragem, em detrimento de outras coisas, para falar-Lhe das nossas necessidades, dos nossos desejos, das nossas dúvidas na fé, como quem desabafa com um amigo bondoso e pronto a ajudar? Isto é pôr Jesus no centro do nosso viver quotidiano. Há medida que o fizermos o Espírito vai-nos 'ensinando' a vontade de Deus e apercebemo-nos que *"todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus"*(vº 28).

Neste tempo de interrogações, de mudança acelerada por efeito do COVID 19, em que estamos a 'aprender' que a vida não é a previsibilidade absoluta com que muitas vezes sonhamos, a certeza do Apóstolo confere-nos uma visão e confiança que muito nos ajuda: *"eu tenho a certeza de que não há nada que nos possa separar do amor de Deus: nem a morte nem a vida; nem os anjos nem outras forças ou poderes espirituais; nem o presente nem o futuro; nem as forças do alto nem as do abismo. Não há nada nem ninguém que nos possa separar do amor que Deus nos deu a conhecer por nosso Senhor Jesus Cristo."* (vºs. 38 e 39). Usa-se muito esta citação em funerais, mas, para mim nela reside a força que nos impele a viver com a alegria de ter encontrado Jesus e o seu Evangelho, como um tesouro ou uma pérola.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana

---

<sup>i</sup> Carlo Maria Martini, *"Tomados de assombro"*, Paulinas, 2013, pág. 130

<sup>ii</sup> José Régio, *"Fado Português"*

<sup>iii</sup> Maria Andresen Sousa Tavares, *Obra Poética* de Sophia de Mello Breyner Andresen, Assírio & Alvim, 2018, pág. 49

<sup>iv</sup> Carlo Maria Martini, *idem*, pág. 162